Corpo de Baile
Corps de Ballet
Autoria: Günter Walter Lorenz
DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2026.252431
URL do artigo: http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/252431
Editores responsáveis: João Victor Pereira Araújo; Lucas Branco de Araujo Motta; Ana Saggese; Julia Fonseca Gomes.

Opiniães – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira
São Paulo, SP, n. 28, jan./jun., 2026. eISSN: 2525-8133
Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
Website: http://www.revistas.usp.br/opiniaes. Contato: opiniaes@usp.br
fb.com/opiniaes @revista.opiniaes https://usp-br.academia.edu/opiniaes

Como citar (ABNT)
LORENZ, Günter W. Corpo de Baile. *Opiniães*, São Paulo, SP, n. 28, jan./jun., 2026, p. XX-XX. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2026.252431.
Disponível em: http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/252431. Acesso em: XX mês. 20XX.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)
Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

A revista *Opiniães* não se responsabiliza por opiniões, ideias e conceitos emitidos pelos autores dos textos, assim como por conflitos de interesse entre autores, financiadores, patrocinadores e outros eventualmente envolvidos e/ou citados nos textos. Os autores asseguram que o artigo não viola direitos autorais e que não há plágio no trabalho, responsabilizando-se pela utilização de fotos, imagens, remissões e traduções, entre outros materiais.

corpo de baile

Corps de ballet

DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2026.252431

Günter Walter Lorenz

Resumo
Reedição de artigo publicado na revista *Humboldt*, v. 6, n. 14, 1966, p. 93-94. Esta nova edição conta com a apresentação de Marcel Vejmelka, feita para o dossiê.

Palavras-chave
Günter Lorenz. João Guimarães Rosa. Resenha. Reedição.

Abstract
Reprint of review article first published in *Humboldt*, v. 6, n. 14, 1966, p. 93-94.The follow edition is accompanied by an Marcel Vejmelka's introduction.

Keywords
Günter Lorenz. João Guimarães Rosa. Review. Reprint.

apresentação

Günter W. Lorenz (oficialmente Günter Walter Lorenz, nascido em 1932 em Nejdek na então Tchecoslováquia, hoje República Tcheca) foi um protagonista importante da primeira fase de tradução e recepção da literatura brasileira (como também da latino-americana em geral) nos anos 1960 e 1970 na Alemanha.

Além de traduções, resenhas e outros textos de crítica e divulgação literária, ele publicou dois livros que tiveram grande influência nesse processo: *Die zeitgenössische Literatur in Lateinamerika: Chronik einer Wirklichkeit. Motive und Strukturen*[1], um panorama da literatura latino-americana contemporânea em forma de um grande ensaio de quase 300 páginas; e já um ano antes *Dialog mit Lateinamerika*[2], uma coletânea de entrevistas com doze nomes consagrados da literatura latino-americana da época, entre eles os brasileiros João Guimarães Rosa, Adonias Filho e Jorge Amado. Esta coletânea de entrevistas teve logo edições em espanhol e português[3], que documentaram assim, para o público latino-americano, as tendências centrais da recepção da literatura do subcontinente na Alemanha na passagem dos anos 1960 para os 1970. Em relação à literatura brasileira, a entrevista de Lorenz com João Guimarães Rosa teve importância particular, se transformou em um pilar da fortuna crítica rosiana e foi republicada em diferentes contextos no Brasil.

Lorenz completou a sua documentação e articulação desse processo de transferência literária e cultural organizando *Lateinamerika, Stimme eines Kontinents: Prosa, Lyrik, Theater, Essay*[4], uma antologia da literatura latino-americana que abrange, em mais de 400 páginas, a produção literária, dramática e ensaística latino-americana do Século XX.

O que caracteriza a produção crítica de Günter W. Lorenz é a sua dimensão ensaística, com fortes traços narrativos e até líricos na sua forma de apresentar e retratar autores e obras. Na sua maneira de entender e explicar a literatura latino-americana, ele é bem representativo do romantismo e da mitificação que marcaram a percepção da América Latina na Alemanha (e na Europa) na época. No contexto acadêmico, as suas contribuições foram estudadas e aproveitadas, mas não tiveram impacto duradouro; as suas interpretações influenciaram certamente na visão acadêmica que nos anos 1970 e 1980 empreendeu a sua "descoberta" da literatura latino-americana, mas ficaram à margem do cânone crítico definido pelo "rigor científico". Esse fato pode ter contribuído para que o nome de Günter W. Lorenz não tenha hoje uma importância comparável com a de outros mediadores da literatura latino-americana na Alemanha.

Os dois textos de Günter W. Lorenz aqui republicados apareceram originalmente, em português, na revista *Humboldt*, publicação do Instituto Goethe em versão espanhola (1960-2013) e portuguesa (1961-2013) dedicada ao intercâmbio cultural entre a Alemanha e a América Latina.

"*Corpo de baile*, de João Guimarães *[sic]*" como parte de uma resenha conjunta de várias obras intitulada "Romances modernos brasileiros em alemão"[5], dedicada à tradução deste romance rosiano, realizada por Curt Meyer-Clason e publicada naquele mesmo ano.[6] O interesse específico em ver esta resenha republicada hoje se baseia no

---

[1] Tübingen/Basel: Erdmann 1971

[2] Tübingen: Erdmann 1970

[3] *Diálogo con Latinoamérica*, Santiago de Chile: Pomaire 1972; *Diálogo com a América Latina*, São Paulo: E.P.U. 1973

[4] Tübingen/Basel: Erdmann 1974

[5] *Humboldt* VI, 14, 1966

[6] *Corps de ballet. Romanzyklus*. Köln: Kiepenheuer & Witsch 1966

fato de *Corpo de baile* não ocupar um lugar de destaque na recepção alemã da obra do escritor mineiro (quase que monopolizada por *Grande sertão: veredas*, seguido pelos contos de *Sagarana*). Portanto, a leitura proposta por Lorenz em este texto, constitui um complemento importante ao cânone das leituras mais divulgadas da obra rosiana no contexto alemão.

O texto intitulado "As Garças"[7] é uma resenha da antologia de contos brasileiros do mesmo título (*Die Reiher*, em alemão, emprestado do conto deste mesmo título de Guimarães Rosa, incluído no livro), organizada e traduzida por Curt Meyer-Clason e publicada em 1967[8]. Esta antologia representa uma das primeiras amostras da literatura brasileira moderna e contemporânea em língua alemã, e constitui – junto com o lançamento da tradução de *Grande sertão: veredas*, também de Meyer-Clason, em 1966 – a base da recepção da literatura brasileira na Alemanha até o presente.

Dessa maneira, os dois textos aqui republicados documentam o papel decisivo que teve Günter W. Lorenz, junto com protagonistas muito mais reconhecidos e lembrados, na primeira fase de "descoberta" e recepção da literatura brasileira na Alemanha, definindo as linhas gerais e determinantes da visão que se teve – e em parte ainda tem – neste país do Brasil, da sua sociedade e cultura e, em particular, da sua literatura.

Julho de 2026,
Marcel Vejmelka

[7] *Humboldt* VIII, 17, 1968

[8] *Die Reiher: Brasilien in Erzählungen seiner besten zeitgenössischen Autoren*. Auswahl und Übersetzung Curt Meyer-Clason. Herrenalb/Schwarzwald: Erdmann 1967

corpo de baile*•

O mais importante romancista brasileiro, João Guimarães Rosa, é, no contato pessoal, um homem modesto e amável, que prefere falar de cavalos e de gado, seus violinos de Ingres, do que falar de literatura. Ninguém que não conheça os seus livros suspeitaria que este diplomata jovial, sem nada de "literário" ou de "genial", ou este vaqueiro, para quem escrever um livro significa uma ocupação secundária, fosse talvez a mais espantosa figura da literatura de hoje, fosse um dos autores mais originais, mais geniais e produtivos, ao qual simplesmente não podemos empregar nenhum dos métodos de critério tradicionais. Guimarães Rosa é uma figura ímpar (também a Alemanha devia habituar-se a ver nele um dos raros autores de primeira plana da literatura mundial), o romancista de hoje mais independente e por isso não ligado a nenhum exemplo, o romancista que mal se abrange como o país no qual e sobre o qual ele escreve. Ele certamente terá muitos imitadores, mas não terá ninguém quem lhe suceda — fato que já se está a verificar no Brasil. Guimarães Rosa, segundo uma história de literatura, significa uma literatura por si. Tudo na sua obra é invulgar: Nos seus livros volumosos como poucos (*Grande Sertão: Veredas* – 555 p.; *Corpo de Baile* – 792 p.) os temas são fascinantes e originais, a estrutura dos seus romances é estranha, a linguagem, em que os mesmos estão escritos é ímpar e apenas "longinquamente aparentada com línguas vivas e mortas", segundo a opinião de um crítico francês. Parece que, antes do mais, o autor quis ou teve de criar a forma e os instrumentos para com eles retratar um mundo concebido por ele, um mundo real e existente, contudo tão pouco perceptível a vista vulgar como interpretável numa linguagem vulgar. O "idioma Guimarães Rosa" é uma língua *sui generis,* com gramática pessoal, vocabulário pessoal e uma norma de escrever mais que pessoal.

Grande Sertão, a primeira obra de João Guimarães Rosa conhecida em língua alemã, era um romance-monólogo épico, fascinantemente cansativo, que, no espaço de seis meses, teve na Alemanha a sua terceira edição (fato que também pertence ao segredo de Guimarães Rosa). *Corpo de Baile*, também um romance, que não é romance e ao mesmo tempo constitui o protótipo do romance, chama-se ciclo, abrange sete histórias, que são contadas independentemente entre si, mas que, todavia, estão mais entrelaçadas do que outras contadas sincronicamente. Tal como "Grande Sertão" este romance também é uma epopeia, poderosa à maneira dos clássicos da Antiguidade, mas integrada linguisticamente no futuro.

O cenário em que decorre a ação em *Corpo de Baile* é o mesmo do *Grande Sertão*: o sertão, as estepes brasileiras, um mundo no dia da criação, no qual habitam pessoas que ainda não reconheceram as consequências do pecado original e que, por

---

***** [N.E.]: Publicado originalmente: LORENZ, Günter. Epos von antiker Kraft: der Romanzyklus "Corps de Ballet" von J. G. Rosa. *Die Welt der Literatur,* 24 nov. 1966. Identificação Arquivo IEB-USP: JGR-PA-03,11 (http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/fichaDocumento.asp?Documento_Codigo=100090).
A presente versão é uma reedição do artigo publicado na revista *Humboldt*, v. 6, n. 14, 1966, p. 93-94.
A publicação da revista *Humboldt* não conta com marcas de autoria, sendo parte de uma seção de resenhas intitulada "Livros", que, ao presente número, estava dedicada a uma seleta de "Romances modernos brasileiros em alemão".
Contudo, no Fundo João Guimarães Rosa (IEB/USP) também consta o documento JGR-R17,01,11 (http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/fichaDocumento.asp?Documento_Codigo=15442), onde há uma segunda tradução intitulada "Epopéia de potência clássica: o ciclo de romances 'Corps de Ballet' de João Guimarães Rosa", enviada pelo Consulado Geral de Hamburgo, em 9 de setembro de 1967, com a tradução assinada pelo vice-cônsul, a.i., Carl Diehl.
•••• [N.E]: Este material foi gentilmente cedido pela *Revista Humboldt*, uma publicação do Goethe-Institut em português, espanhol e alemão. Para visitar o site: https://www.goethe.de/prj/hum/pt/index.html. Destacamos também nosso agradecimento a Soraia Vilela, atual editora da revista.

conseguinte, ainda não romperam as ligadas com o Paraíso. A sua vida arcaica processa-se na lógica de um sonho visionário, os seus destinos são componentes de um "cosmos caótico", se nos for permitido o termo, no qual as forças míticas subjacentes ainda formam o mundo a sua semelhança. Este romance é construído analogamente a qualquer fresco medieval, em que tempo e espaço se anulam e todas as dimensões da existência humana são reduzidas a um núcleo simbólico-metafórico. Nascimento e morte, medo e alegria, ódio e amor, crueldade e ternura são aspectos de um único acontecer e de um único pensar. Poderíamos então supor, que dum tema tão profundo jamais poderia nascer um romance legível. Dá-se o contrário com Guimarães Rosa. Uma das citações de Plotino que, a servir de mote e ocupando três páginas, antecedem o livro, torna-nos compreensível o título teimoso e contraditório — *Corpo de Baile* —, mais especificamente a graciosidade de um conjunto de dança em relação à virilidade áspera e brutal do sertão, de forma a reconhecermos a intenção do autor. "O bailarino é a imagem da vida, que se processa com a arte. A arte da dança conduz os seus movimentos como a vida conduz os vivos", escreve Guimarães Rosa. A vida, porém, também conduz o autor; e assim acontece, o que já não é assombroso em Guimarães Rosa, que um romance ideológico com raízes metafísico-mitológicas, escrito numa linguagem sutil e pouco compreensível, se leia como um livro de aventuras. Não queremos deixar de referir, que aventuras muito comerciais escritas por autores profissionais no campo da aventura, se extinguem em relação a Guimarães Rosa como uma lâmpada elétrica ao sol. Temos assim o segredo de Guimarães Rosa: a vida como aventura real e metafísica.

É certo que um livro em que é protagonista a região mais deslumbrante e mais perigosa do Brasil, o sertão, forçosamente terá de ser uma aventura, apesar de, neste caso, a mesma se relacionar mais com a tensão interior, quer dizer com o "vivere periculosamente". Assassínio e violência, ternura e incesto, o real, o medonho e o fantástico (mais lúgubre e fantástico do que nas construções intelectuais de Jorge Luis Borges e de Julio Cortázar) alternam-se e criam a moldura cinzelada para um acontecimento dramático e febril. Este dramatismo, por sua vez, surge da fusão de todos aqueles elementos contraditórios, que, na Alemanha, são considerados incompatíveis, mas que no Brasil fazem o Brasil. Neste mundo trágico e de acumuladas tensões reinam deuses, que só aparentemente cederam ao cristianismo, mas que, na verdade, são as forças motrizes, nas quais todo um povo e todo um continente ainda confia e aos quais obedece, O elemento pan-demoníaco deste romance, perante o qual o homem, o animal e o objeto, representantes da natureza viva e morta, constituem uma unidade, caracteriza uma universalidade pagã, ainda muito vigente, que respira e protesta no homem, que faz esquecer que ainda há algo como paz e redenção. Tudo isto, porque a fatalidade de um destino constante, do sertão, impele constantemente contra a mesma fatalidade, inexoravelmente e com a grandeza expressiva do drama antigo, desligado de deuses felizes. O sertão é ao mesmo tempo visão do mundo e sua consequência.

"João Guimarães Rosa" — escreve o seu patrocinador alemão Curt Meyer-Clason num artigo intitulado "Da escola de traduzir" (*Almanaque do editorial Nymphenburg*, Munique, 1966), "é um ser, para o qual e de acordo com a física moderna, as causas estão fora de moda: ele só conhece coordenações." O próprio Guimarães Rosa diz: "Os meus livros são simples tentativas para girar a volta do segredo cósmico e o aliviar oportunamente, essa coisa móvel, impossível, desconcertante e contraditório a qualquer lógica: a chamada realidade, que nós próprios somos, o mundo, a vida".

Neste sentido, o romance *Corpo de Baile* é o retrato do destino Sertão, que, por sua vez, aos olhos do autor, é uma daquelas coisas "que se furtam a qualquer lógica", em que atua a realidade interior sob a capa da "chamada realidade": mito e *logos*, caos e cosmos, vida e morte adquirem um sentido antiquíssimo, pré-lógico ou melhor: um

sentido novo, que é conjuntamente expressão de tempos imemoriais e da perfeição. E um mundo por si só e reflexo de um outro mundo subjacente, apenas perceptível, é a arena, o tribunal e o lugar da "esperança para o homem" e é ao mesmo tempo o seu coração pulsante. A dança, que Guimarães Rosa faz executar pelos seus personagens, é a tentativa pura e simplesmente do homem de compreender e viver aquilo a que ele chama "existência", a esperança, o desespero, o combate, o sentido e a mentalidade: enfim, a vida.

Quanto à forma inimitável em que tudo isto está expresso, não queremos aqui deixar de repetir detalhadamente aquilo que dissemos da linguagem de João Guimarães Rosa, aquando da publicação de *Grande Sertão*[9*]. Também em *Corpo de Baile* a perfeição linguística faz esquecer, que estamos a ler um tema regional, que só adquire uma universalidade em alto grau mercê da forma, de uma intuição artística e da linguagem. Neste romance — no original — encontramos a mistura de português arcaico e português americano com metáforas clássicas, com o caldo dos pastores, dos bandidos e dos sertanistas, com terminologia cientifica e expressões de cunho pessoal, com dialetos regionais de Minas Gerais e linguagem técnica de tratados doutos. Poderíamos ainda acrescentar que o elemento "ligeiro", elemento esse, insuficiente- mente designado como barroco linguístico na linguagem deste autor, aparece ainda mais vincadamente em *Corpo de Baile* do que em *Grande Sertão: Veredas*, exigindo, por conseguinte, ainda mais do tradutor, se é que isso ainda é possível. (Nota: deveria escrever-se em vez de "traduzido do português brasileiro" traduzido do "brasileiro de João Guimarães Rosa").

Curt Meyer-Clason venceu também estas dificuldades soberanamente. Devemos dizer que nos começa a parecer um tanto inquietante a grande aplicado deste tradutor, a quem a literatura brasileira deve tanto, e que, na opinião de Guimarães Rosa, que fala e escreve a língua alemã, "é o génio tradutor mais fenomenal do nosso tempo". O fato, de este importante medianeiro ainda não ter recebido o prêmio de tradução da Academia Alemã, causa estranheza, mas é explicável pelo fato de nenhum dos membros do júri possuir os conhecimentos linguísticos indispensáveis para avaliar o seu trabalho. O leitor alemão deve a Curt Meyer-Clason o fato, de a obra de João Guimarães Rosa, não ter perdido na tradução nada da sua forca primitiva (aquando uma interpretação tradutiva, o autor modificou uma passagem no original de *Grande Sertão*). Meyer-Clason conseguiu na versão alemã, tornar compreensivo, porque é que a literatura brasileira hoje é o futuro da literatura mundial, porque é que Guimarães Rosa deve ser nomeado herdeiro legítimo de Joyce, Proust, Thomas Mann e Faulkner, e porque é que o autor foi considerado candidato ao Prémio Nobel, após publicar o seu primeiro romance (traduzido) e especialmente após escrever *Corpo de Baile*. Tal como a terminologia do Prémio Nobel o deseja, a sua obra inclui em alto grau um idealismo humanístico, sendo a mesma obra aperfeiçoada pela sua forma artística. E difícil designar um autor da literatura mundial contemporânea, que possa igualar-se a este brasileiro, ainda há dez anos desconhecido.

[9*] [N.E.]: O texto a que Lorenz faz referência é "*Eine Welt ih ihrem Urzustand*", também publicado no suplemento *Die Welt der Literatur* em 17 set. 1964, e, também em 1964, no periódico *Die Kiepe*, com o nome "*Grande Sertao: Das grandiose Epos des Landes Brasilien*". O texto teve sua tradução publicada no Brasil em 7. nov. 1964, no *Correio da Manhã* (Ano LXIC, n. 21.962, p. 2), sob o título de "Um mundo em estado virgem" (http://memoria.bn.gov.br/DocReader/089842_07/57247).
Na famigerada entrevista conduzida por Lorenz, o próprio Guimarães Rosa cita este texto. Em algumas traduções da entrevista, como na do volume da série *Fortuna Crítica* dedicada a Rosa e organizada por Eduardo F. Coutinho, observamos que o texto não é citado corretamente. O caso se repete no Banco de Dados Bibliográfico João Guimarães Rosa (USP), que o registra erroneamente sob o suposto título "*Von der Last der Zeitlichkeit befreit*" (https://sgpa.webhostusp.sti.usp.br/obra.php?cod=843&s=grosa), de autoria supostamente atribuída a Curt Meyer-Clason, e aparentemente publicada no próprio *Die Welt der Literatur*.